



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA DA UFBA
MESTRADO PROFISSIONAL DE DANÇA DA UFBA (PRODAN)**

ARIANA DOS SANTOS GOMES

**O CORPO NA RODA: IDENTIDADES FEMININAS, (RE)EXISTÊNCIA E
POTENCIALIDADES EM RODAS DE SAMBA DE SALVADOR/BA.**

**SALVADOR
2022**

ARIANA DOS SANTOS GOMES

**O CORPO NA RODA: IDENTIDADES FEMININAS, (RE)EXISTÊNCIA E
POTENCIALIDADES EM RODAS DE SAMBA DE SALVADOR/BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para
obtenção do grau de Mestra em Dança
pela Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Valentim
Rocha

**SALVADOR
2022**

ARIANA DOS SANTOS GOMES

**O CORPO NA RODA: IDENTIDADES FEMININAS, (RE)EXISTÊNCIA EM
RODAS DE SAMBA DE SALVADOR/BA.**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestra
Profissional em Dança, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Aprovado em: ____/____/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha (Orientador)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profª. Drª. Clécia Maria Aquino De Queiroz
Universidade Federal de Sergipe – UFS

À mãe natureza que nos é bondosa,
e nos alimenta, aos meus
Ancestrais, que percorreram
caminhos de resistência até a minha
chegada! À minha mãe Iraci, ser de
bondade, força e coragem. À todas
as mulheres que estão nas rodas de
samba.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à mãe natureza por ter consentido passar por esta pandemia, e ainda estar aqui.

Aos meus pais Orlando e Iraci, pela força e coragem de me mostrar o mundo.

Aos meus três filhos Maria, Júlia e Lorenzo, pelo cuidado comigo no momento do meu estudo e que sempre me fortalece com palavras positivas para seguir em frente.

Ao meu Companheiro Lucas, por acreditar em mim desde quando nos conhecemos na graduação.

Aos meus irmãos e irmãs Jucimeire, Julio, Jucicleia, Tompson, Iatusa, e Ticiane.

Agradeço aos meus colegas do curso, pelo compartilhamento de saberes e de ajuda ao outro. Em especial a Lissandra, e Rodrigo.

Ao meu orientador, Lucas Valentim, que sempre se fez presente e paciente para que eu obtivesse êxitos nas minhas pesquisas.

À coordenadora do curso, a Prof^a. Dr^a. Beth Rangel, que me acompanhou em todas as dúvidas e desafios que enfrentei no decorrer do processo deste curso.

Gostaria de agradecer aos membros da banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Clécia Queiroz e Prof. Dr^o.Fernando Ferraz por terem aceito o convite para examinar este trabalho e pelas contribuições para melhorias deste.

À coordenação do curso, pela gestão do Curso e empenho em ajudar a todos os cursistas.

Gratidão a todas e a todos!

EM RODA

O corpo se manifesta, lá não há apenas eu, há corte, uma dor,
alegria, uma esperança.
Ofereço a minha mandinga, ebó, as mãos se batem três vezes,
estou em roda!

(Arianna)

O CORPO NA RODA: IDENTIDADES FEMININAS, (RE)EXISTÊNCIA E POTENCIALIDADES EM RODAS DE SAMBA DE SALVADOR/BA.

Ariana Dos Santos Gomes

RESUMO - A presente pesquisa tem como objetivo propor uma reflexão sobre a roda de samba. Há em Salvador movimentos de mulheres negras que se associam e criam conjuntos de Roda de Samba. propomos investigar quais formas e através de quais caminhos a roda de samba proporciona uma dinâmica que media potencialidades de existências da mulher negra na sociedade contemporânea. Interpreto a roda como um processo de transmissão de conhecimentos, saberes e formas de sociabilidades onde, através de um diálogo intergeracional, mulheres mais novas aprendem com mulheres mais velhas. Ao longo da pesquisa utilizamos procedimentos que dialogam com diferentes tipologias de pesquisa, configurando uma bricolagem, um trabalho feito de maneira artesanal, um tecer de costuras entre partes distintas “DENZIN e LINCOLN (2006)”. NOS interessa aqui saber como algumas mulheres vivenciam e manifestam a roda de samba, o que as motiva a integrar estes espaços e a manter viva uma cultura popular e ancestral resistindo aos apelos ostensivos da cultura de massa. Para a construção dos saberes aqui apresentados me guio por teóricas e teóricos de diversas áreas epistemológicas, tais como a Antropologia, com Lélia Gonzalez e Osmundo Pinho; a Comunicação, com Ceiza Ferreira; a Dança com Clécia Queiroz, Fernando Ferraz e Inaicyra Falcão; a Educação, com Dante Galeffi; a Filosofia, Achille Mbembe, Frantz Fanon, Merleau-Ponty e Sueli Carneiro; a História, com Beatriz Nascimento, Maria Antonacci, e Pierre Nora; a Literatura, Conceição Evaristo, Édouard Glissant, Eno Belinga, Esiaba Irobi, Homi K. Bhabha e Vilma Piedade; a Performance, com Leda Maria Martins; a Psicologia, com Jurandir Costa, Neuza Santos Souza e Isildinha Nogueira; e a Sociologia, com Muniz Sodré, Paul Gilroy, e Stuart Hall.

Palavras-chaves: Corpos femininos negros. Roda de Samba. (R)existência. Potencialidades

ABSTRACT - The present research aims to propose a reflection on the samba circle. In Salvador there are movements of black women who associate and create groups of Roda de Samba. We propose to investigate which forms and through which paths the samba circle provides a dynamic that mediates the potentialities of black women's existence in contemporary society. I interpret the circle as a process of transmitting knowledge, knowledge and forms of sociability where, through an intergenerational dialogue, younger women learn from older women. Throughout the research, we used procedures that dialogue with different types of research, configuring a bricolage, a work done in an artisanal way, a weaving of seams between different parts "DENZIN and LINCOLN

(2006)". Here we are interested in knowing how some women experience and express the samba circle, which motivates them to integrate these spaces and keep alive a popular and ancestral culture, resisting the ostensible appeals of mass culture. For the construction of the knowledge presented here, I am guided by theorists from different epistemological areas, such as Anthropology, with Lélia Gonzalez and Osmundo Pinho; Communication, with Ceíça Ferreira; Dance with Clécia Queiroz, Fernando Ferraz and Inaicyra Falcão; Education, with Dante Galeffi; Philosophy, Achille Mbembe, Frantz Fanon, Merleau-Ponty and Sueli Carneiro; History, with Beatriz Nascimento, Maria Antonacci, and Pierre Nora; Literature, Conceição Evaristo, Édouard Glissant, Eno Belinga, Esiaba Irobi, Homi K. Bhabha and Vilma Piedade; Performance, with Leda Maria Martins; Psychology, with Jurandir Costa, Neuza Santos Souza and Isildinha Nogueira; and Sociology, with Muniz Sodré, Paul Gilroy, and Stuart Hall.

Keywords: Black female bodies. Samba Wheel. (R)existence. Potential

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	09
PRODUÇÃO ARTÍSTICA-PEDAGÓGICA.....	21
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA.....	25

MEMORIAL
ENTRE MEMÓRIAS DE UM CORPO NEGRO, FEMININO,
FAVELADO E POLÍTICO

TERRITÓRIO EM POSSIBILIDADES

Partilhar minhas memórias em dança será aqui uma tarefa complexa, pois mexe em pontos cruciais da minha existência. Pontos que forço a mim mesma esquecer, por isso acredito que até chegar ao PRODAN vivia em uma encruzilhada com a dança. O PRODAN é o cerne da questão, sendo a travessia do rio que necessitava experienciar.

Ao ingressar no Bacharelado Interdisciplinar em Artes em 2010 (UFBA), uma das minhas primeiras percepções foi a de que o estudo feito na universidade é bastante diferente da experiência no ensino em uma escola pública. A prática habitual de leitura e escrita, assim como a organização necessária para dar conta das disciplinas, não são sequer exercitadas nas escolas públicas. Não há uma preparação adequada nesses espaços para que os alunos, ali formados, entrem na universidade com um nível de fluência mínima que os possibilitem senso crítico e capacidade argumentativa, de maneira que não se sintam "perdidos" — o que acontece bastante.

O que quero afirmar é que a tomada do que se entende por "consciência universitária", não acontece com a maioria dos estudantes que chegam à academia a partir do ensino público. Os cotistas, dentre os quais estou incluída, dependem, em certa medida, da sorte de em suas trajetórias terem entrado em contato com informações ou com pessoas (docentes, colegas e funcionários) que lhes informem sobre a condição de estudante universitário, mas também de desenvolverem sua sensibilidade para determinados aspectos desta nova etapa de suas vidas.

Lembro que fazia o curso de dança do Ilê Aiyê em 2009, quando uma amiga (Ana Paula) me inscreveu para o Enem. Na verdade, não sabia como era o processo, pois estava também concluindo nesta época o curso técnico em mecânica automotiva, profissão de meu pai e meus irmãos. Desejava naquele momento fazer a graduação em dança, mas todos ao meu redor, me diziam que eu ia morrer de fome, e que eu vinha de uma família grande e precisaria de uma profissão que também ajudasse no sustento da família. Na verdade, eu estava confusa e perdida. Fiz o Enem e minha amiga me inscreveu (já que eu não tinha computador em casa) no mesmo curso que ela fazia, o Bacharelado Interdisciplinar (BI). Essa era uma porta para que eu saísse da revolta e tristeza que estava sentindo, pois tinha tido a terceira perda de um ente familiar, de forma trágica e eu estava

no momento do acontecido. Fui aprovada na 3ª lista. Lá fui eu para a Universidade! É bom que eu fui.

Fechando meus olhos, neste exato momento, tento me aproximar das memórias para falar sobre a minha passagem na primeira graduação. A UFBA me parecia uma estrutura imensa quando pisei meus pés lá pela primeira vez. Só contei a minha família da aprovação depois que fiz a matrícula, pois tinha receio que desse alguma coisa errado, já que não acreditava que as coisas eram tão fáceis para mim. Um elemento que considero importante ressaltar é a documentação parental. Não pude apresentar a de meu pai mesmo ele vivendo comigo, uma vez que ele tinha vinte anos sem documentos, tendo apenas o registro de nascimento. Eu já sabia que a estrutura de normas gerais da universidade não iria entender esta realidade, então optei por não o incluir nos documentos parentais.

O meu primeiro dia na universidade seria o terceiro dia de aula do componente Políticas Culturais, com a docente Clélia Cortez do semestre 2011.1. Neste mesmo dia, conheci Lucas, o meu companheiro de jornada. Nos olhamos e cá estamos até hoje. O BI me ajudou muitíssimo, mas me amedrontou também, pois entrei como cotista. Amava estar na estrutura física da Universidade, pois me tirava da minha realidade, das questões que queria que sumissem um pouco da minha cabeça, mas quando estava lá só pensava em como resolver os problemas de casa.

Tinha muito receio de prova escrita, não me achava capaz e lembro que meus erros ortográficos eram grandes. A leitura é um elementantíssimo e emancipatório na vida do sujeito social, e foi a partir desse processo que entendi que poderia ir além. Meu companheiro me mostrou que era por esse caminho que eu iria compreender as minhas complexidades históricas. Ele me ensinou como escrever melhor e perder o medo de gerações da minha família. Concluí o Bacharelado Interdisciplinar em Artes com área de concentração em Políticas e Gestão Cultural em dezembro de 2013. A minha família era a maior da reitoria e tivemos de dividir a foto em duas. Fui a primeira da família a me formar, e a primeira da comunidade onde moro a formar em uma universidade pública. Não estava propriamente feliz na minha colação de grau. Me sentia deslocada e não obtive apoio das pessoas conhecidas porque meu curso era em Artes. Ainda mais por ser um curso aberto demais e sem valor de mercado. Lembrar disso é meio perturbador, como também o era na época. Me desmereci e fui desmerecendo meu curso o tempo todo. Não conseguia trabalho para esta área, me odiava e odiava o curso. Passei um bom tempo revoltada e arrependida.

O que não tinha compreendido ainda é que o curso havia me apresentado muitas possibilidades, deste o do momento em que conheci diversos autores e autoras de modo interdisciplinar. Eu conseguia depois dessa experiência, falar de mim, do que sentia, falar do meu corpo. Isso foi um grande momento, já que venho de uma cultura onde não falamos de nós mesmos.

Eu tinha vergonha, e acho que ainda tenho um pouco, de falar de mim. Mas foi no final de do ano de 2013, que meu curso me presenteou com algo importantíssimo. Desde que eu nasci meu pai era alcoólatra e ele decidiu parar, pois disse que não podia mais me envergonhar já que agora eu ia ser doutora. (Ele não sabia como era o processo de se chegar em um doutorado). Por isso, decidi lutar, mesmo nesse caos que é a minha vida, lutar para estudar, para me aprofundar nas minhas pesquisas. Escrever é uma responsabilidade social.

Em 2019 houve a 1ª seleção do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN). Poderia ter me inscrito, mas me considerava incapaz, uma vez que estava, naquele momento, vivenciando o meu medo. Já tinha tentando outras duas seleções de mestrado em outros programas e não tinha sido aprovada. Isso com certeza tinha afetado a minha autoestima - apesar de negar e me fazer de forte emocionalmente. E sou, já que passei por um processo extremamente desigual, de gênero, raça e classe para chegar aqui. Inclusive, cheguei a fazer uma especialização em Arte Educação Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas, na Escola de Belas Artes, onde sofri muito por conta dessas desigualdades sociais. Essa história, me afetou tanto que tinha desistido dos estudos feitos na universidade.

No segundo semestre de 2019, eu resolvi retornar para a universidade, para o meu segundo curso de graduação, dessa vez linear¹, em Psicologia. Desde 2016 não conseguia pôr meus pés na UFBA, pois sentia um mal-estar por algo estrutural, conjuntural, como se ali não fosse meu lugar, como se eu não “desse conta” de estar ali, em de escrever ou construir trabalhos acadêmicos. E quando eu colocava na balança a realidade da família, o trabalho, o sustento, sempre me venciam. Apesar de tentar fugir algumas vezes, tal realidade sempre me puxava ou me chamava de forma delicada, e fui, assim, experienciando esse não lugar de estudante universitária.

¹ Um curso de progressão linear tradicional habilita o estudante para uma determinada carreira. Já o BI é um curso de formação geral que não habilita para uma profissão que exija um determinado conhecimento, mas um conhecimento de forma mais ampla.

Em minhas recordações sobre o curso de Psicologia, me dou conta que tal escolha se deu a partir de um sonho que eu tive com uma velha sentada em cima da lama. Como dizem os meus antigos e as minhas antigas: se vê um velho no caminho ajoelhe e peça a benção. No meu sonho, ela me dava conselhos para eu estudar, e cantar porque as pessoas iam precisar de mim.

Lembro que acordei e pus uma música que Clementina de Jesus² canta e é de cunho popular. Esta música é muito importante na minha vida e na da minha mãe.

Eu andava perambulando. Sem ter nada pra comer. Fui pedir às santas almas.
Para vir me socorrer. Foi as almas que me ajudou. Foi as almas que me ajudou.
Meu divino Espírito Santos. Viva a Deus nosso senhor. Quem pede às almas.
As almas dá. Filho de pemba é que não sabe aproveitar.

Em meados de 2019, foi publicado o edital de seleção para estudantes novos do PRODAN, e eu pensei: por que não? O que pode me parar agora? Enviei os documentos exigidos pelo programa e fui convocada para a entrevista de seleção. Era suor, ansiedade, medo e coragem, tudo junto. A banca de entrevistas foi composta pelas docentes Amélia Conrado, Dulce Aquino, Lucas Valentim e Rita Aquino. Como foi importante passar por esta banca, que me acolheu e eu me expressar sem tensões!

Fui aprovada! E eu fiquei tão feliz, não lembro a última vez que tinha ficado assim. Saí contando para todos da minha rua, para a família, meus filhos e até meus bichos. Comprei caderno, caneta, lápis e tudo mais, até mochila nova. Lá vou eu para minha primeira semana de aula, conhecer meus professores e colegas de curso. Mas tinha algo que não saía da minha cabeça: eu pesadelo de virada de ano. Era algo que já tinha comentado com minha família e amigos. Estava sonhando³ constantemente andando sobre cadáveres amontoados, lembro que estava em aula e lembrava dos sonhos, não conseguia relaxar. Era ela se anunciando, a COVID-19. E logo todos nós, no mundo todo, iríamos vivenciar a pandemia.

² Foi uma [cantora afro-brasileira](#), conhecida como rainha Quelé. Deixou um grande legado no resgate dos cantos afro-brasileiro e na popularização do samba, além de ser vista como um importante elo entre a cultura do Brasil e da África.

³ (Jung, 1998) traz como pesquisa sobre interpretação dos sonhos, o inconsciente coletivo, sendo uma área mais profunda da psique, remontada na infância através de restos das vidas dos antepassados, nele está contido os instintos juntamente com as imagens primordiais denominados arquétipos, herdados da humanidade.

Fomos empurrados a presenciar a perda em massa de pessoas próximas e de todos os lugares do mundo. Veio o isolamento social, o fechamento das universidades e tivemos que estudar de forma remota. No primeiro ano, não conseguia me adaptar muito bem, mas eu tinha que seguir, precisava seguir.

MEMÓRIAS DE UM CORPO EM CHAMAS

Contar as memórias pode não ser algo tão fácil. Às vezes criamos coisas que sequer existiriam para podermos caminhar na vida de forma mais agradável, tentando apagar traumas. Sempre fui uma criança curiosa, dinâmica e observadora. Por conviver sempre com pessoas mais velhas do que eu, meus interesses se direcionaram para um mundo diferente das outras crianças da minha idade. Sou a caçula de seis irmãos, além dos meus sobrinhos, que já somam vinte. Minha mãe, Iraci, nasceu em Ubaíra, cresceu em Cravolândia e veio para Salvador aos 14 anos para trabalhar como ganhadora (lavar roupas, limpar casas, etc.). Meu pai é soteropolitano, mecânico, aprendeu a profissão aos oito anos e a desenvolve até hoje, retirando daí o sustento da nossa família. O fato de minha avó materna ser negra e minha avó paterna ser indígena fez com que eu e meus irmãos viéssemos ao mundo com uma incrível diversidade étnica.

Lembro que meu irmão, que já fez a sua passagem, me considerava muito enérgica. Como nossos pais não tinham condições de nos pôr em atividades que precisassem pagar, ele procurou alguns blocos de afoxés do Pelourinho. Tínhamos uma vizinha que era professora deste bloco, a finada dona Del. Ele nos colocou no bloco de afoxé para aprendermos, as três irmãs mais novas Iatusa, Ticiane e eu. Aos sete anos, eu estava aprendendo dança afro no bloco de afoxé *Kori efan* e, em seguida, nos blocos *Filhas de Oxum* e *Filhas de Olorum*.

Foi nesta época que pude perceber, mesmo sem ter maturidade suficiente, o que seria aliciamento de menores, pedofilia, pobreza e racismo. Vi amigas adolescentes do grupo sendo aliciadas por homens mais velhos e estrangeiros. Não consigo relatar aqui o que aconteceu com a vida delas, mas posso dizer que muitas se perderam no mundo das drogas, do crime e da violência, chegando à morte. As que estão sobrevivendo me dizem: você foi para frente e precisa continuar por nós, é o nosso orgulho, precisa ganhar dinheiro para ajudar os nossos filhos. O universo sabe que não sou de fugir.

Minhas outras experiências em dança perpassam por alguns cursos, grupos e espaços: o curso de dança do *Ilê Aiyê*; o grupo de dança do Colégio Estadual Severino Vieira; onde estudei; as *Garotas ativas*, grupo de hip-hop; os cursos livres da FUNCEB; algumas aulas de danças de salão e ainda o pagode baiano. Posso afirmar que a minha dança é popular. Minha base é a dança afro, ela faz eu criar dentro do que já está criado. Em alto e bom som, reitero que dançar é tão importante na minha vida, que pela dança aprendi que poderia ser atriz, cantora, escritora e pintora

DESAFIOS EM NÃO PARAR.

Quando entrei no PRODAN, tinha como intuito analisar e compreender a forma de vivência e aprendizagem da roda de samba em alguns espaços de Salvador. A pesquisa ia se dar a partir do grupo que faço parte, *Águas de Moringa*, mas por causa do processo pandêmico, que ainda vivemos, não pude analisar o grupo, por motivo de isolamento social.

O grupo de Samba de roda *Águas de Moringa* parte de um movimento no território do Ogunjá, desde 2019. Há dentro deste movimento uma articulação de mulheres, crianças, jovens, e idosas para estar em roda e sambar, sendo a roda o modo de compartilhamento de saberes, desde as várias formas de sambar, de tocar pandeiro, cantar ladainhas ou sentar e escutar para compreender um pouco das histórias das outras.

O samba de roda, em minhas memórias, em de mainha, do território de Cravolândia e da minha bisavó Alice. Amava ver mainha sambando. Era um sambar diferente, não como na TV. Era um jeito próprio e único, um jeito arrastado, em roda. Quando mainha sambava, eu a via sorrindo, o que era algo especial e raro, pois na grande maioria do tempo ela estava trabalhando em casa e fora de casa. Sempre concentrada para dar seu melhor, mas quando ela sambava, estava solta, alegre, leve e viva. Via nela um jogo de imagens bonitas, o sopro da vida. Foi nesse processo de me encantar com a alegria de dançar o samba, que me encontrei.

Fui experienciar o samba dentro dos terreiros, nos blocos de afoxé, e depois das apresentações dos grupos, festejávamos o final do evento com mais samba. No São João do povo preto que não tinha dinheiro para frequentar a festa da elite, era o samba, o samba junino que se fazia e se faz presente. Cresci e vivi no samba junino de Salvador, uma das manifestações populares mais esperadas do ano para nós, moradores do bairro Engenho Velho de Brotas, Ogunjá. Cada rua tinha seu grupo de sambadores. Hoje por conta da

perda em massa de jovens negros e da violência do tráfico de drogas, os grupos de samba junino estão deixando de existir.

O samba junino – como o próprio nome sugere – acontece na época das festas juninas em Salvador. O samba duro, que marca os sambas juninos, vem dos terreiros de candomblé, do samba de caboclo. É executado com timbaus e a voz, tendo um compasso mais acelerado. Quando se aproxima do São João começam os ensaios para escolha da rainha, que costuma desfilar entre os dias 23 de junho e 2 de julho de porta em porta, nas casas do bairro ao qual faz parte. No território do Ogunjá, o grupo de samba junino se chama *Zumbaê*.

Onde vivo, o pagode baiano também se faz presente, mas o samba tem mais força. Quando o samba de roda se apresenta no espaço-tempo é algo de respeito, algo em que todos se colocam em roda, uma alegria diferente, um jeito de se comportar em comunidade. Foi por esse motivo, que ao experienciar o samba de roda compreendi a importância da roda como contexto de aprendizagem e como metodologia de ensino. O samba me escolheu e eu disse sim. E foi assim que imaginei que poderia construir o *Águas de Moringa*, como um grupo que pudesse trazer a leveza, a alegria e a soltura do samba de roda e o processo fortalecedor das mulheres negras e periféricas.

Desde que começou o ensino remoto, para mim foi praticamente uma tortura. Não conseguia sequer abrir a minha câmera para ser vista e falar no modo virtual. Tinham debates na internet que queria participar e seria importante, com certeza, mas não o fiz. Não conseguia nem interagir com meus colegas de turma. Para resumir 2020, foi um ano de muito trabalho na oficina mecânica, ainda que em alguns momentos tivemos que trabalhar escondidos por causa do toque de recolher da pandemia. Mas também fui aprovada em uma especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela UNILAB e, logo em seguida, veio a aprovação para a formação pedagógica (IFMA) para não licenciados, para que possam dar aulas.

No início de 2021 estávamos começando um novo semestre e eu logo sentiria o baque de trabalhar de segunda a sábado em plena pandemia. Tive Covid-19 e Dengue ao mesmo tempo. Lembro dos desconfortos por todo o corpo, me abati tanto com o vírus que parecia que estava saindo de uma guerra e nascendo de novo. Neste processo, percebi que tinha que me mostrar e comecei a compreender o porquê de me dizer tanto não. Comecei a falar um pouco mais nas aulas, de forma bem tímida e, no final do semestre de 2021.2, tive, pode-se dizer, um estalo. Acredito que foi depois das últimas aulas do professor

Fernando Ferraz, em Tópicos Especiais em Dança Performance Negra na Contemporaneidade⁴ e também no componente Projetos Compartilhados, quando apresentei meu trabalho e ele me fez perceber o quanto minha pesquisa era importante.

Comecei a praticar corrida esportiva e isso mudou meu estado de ânimo. Voltei a estar com disposição para fazer as coisas. No final do semestre de 2021.1 eu já tinha concluído todos os componentes obrigatórios e toda a carga horária prevista para componentes optativos. Participei de alguns eventos acadêmicos como a apresentação oral no IV Seminário Griô: Culturas Populares e Diversidade e apresentei no VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança promovido pela Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA e do Congresso da UFBA.

Fui selecionada no projeto Solo BTCA, do Teatro Castro Alves, para desenvolver células coreográficas em acordo com minha pesquisa de mestrado e fui também premiada pela PROEXT/UFBA para o desenvolvimento do documentário e um livro infantil que serão os produtos de minha pesquisa. Sou bolsista da FAPESB pelo PRODAN.

Em 2021.2 a vida me daria uma outra surpresa. Apreendi com os meus mais velhos, que quando a vida adoça demais, algo vai sair do ponto, e saiu. Tive mais uma perda de um ente querido, um sobrinho, que fez sua passagem no último dia do mês de junho, me desestabilizando novamente. Mas eu precisava continuar. Por mim, pela minha família, pelo meu companheiro que me fortaleceu e me apoiou neste processo. O ano de 2021 foi marcado por mortes. Enterrei meus cinco cachorros de uma doença misteriosa, chamada cinomose, e também um cágado. Perdi alguns amigos por causa da COVID-19 e da violência nos bairros de periferia, que tem cor e classe.

Atravessar o PRODAN, me fez repensar Ariana no mundo, repensar como dizer não para muitas questões que não dependem de mim e de dizer sim para mim mesma, meus sonhos, prazeres e gostosidades da vida. Aprender a amar este corpo feminino, negro e favelado. Fui percebendo outras possibilidades de analisar o corpo e cheguei finalmente no título do meu trabalho: *O corpo na roda: Identidades femininas, oralidade e processos de aprendizagem nas rodas de samba em Salvador/Ba.*

⁴ Neste componente que cursei tive uma experiência com uma atividade como divisor de águas, a atividade era sobre a carta ao mestre, que podia ser sobre um professor, ou alguém que lhe ajudou no seu caminho da dança. Esta carta eu ofereci aos meus pais, tanto ao meu pai, quanto a minha mãe, não podia escrever para um, sem o outro, senão, não seria Ariana, esse ser dançante.

Hoje posso afirmar que se cheguei até aqui na conclusão dessa pesquisa foi pelo PRODAN ser tão acolhedor e acreditar em cada discente. Tive e sei que tenho total apoio da coordenadora Beth Rangel e do meu orientador Lucas Valentim. Fui sua primeira orientanda e, pela primeira vez na vida, fui a primeira em alguma coisa! Isso me modificou muito.

Pude neste processo experimentar o compartilhamento e a amizade de dois colegas de curso, Lissandra e Rodrigo, que me pegaram pela mão e seguraram para eu não desistir. Estamos em 2022 e fui convidada para ser embaixadora da Saúde Planetária no Brasil, representação Bahia, estou muito alegre com tudo isso.

EM FRENTE

Encerro este ciclo compreendendo que nem tudo pode ser curado de uma só vez, que precisamos conviver com a nossa história, que não a esquecemos, mas aprendemos aceitar aquilo que não podemos mudar.

A dança é meu passado, presente, e futuro, mas por muitos momentos duvidei de mim e da minha dança. Mas vivenciar o PRODAN me deu a certeza de que escolhi o caminho certo. Estou melhor filha, melhor mãe, melhor companheira, melhor amiga. Estou tentando ser melhor comigo mesma.

As pessoas me perguntam: se você quer viver da sua voz com a música, por que o mestrado em dança e essa pesquisa? Mas para mim, escrever e documentar sobre essas mulheres sambadeiras é uma responsabilidade social.

Concluí minha especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela UNILAB em fevereiro de 2022, com a defesa do TCC e com nota 9,7. Há um tempo atrás, eu não escreveria desta forma e não seria tão detalhista, mas acredito ser necessário tanto pelos que estão aqui, quanto pelos que virão, e principalmente por mim, que voltei a sonhar.

Concluir este processo no PRODAN me faz refletir o quanto eu mudei e venho amadurecendo academicamente. Lembrar da trajetória ao cursar Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade; Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança; Tópicos Especiais em Dança: performance negra na contemporaneidade; Poéticas e Tensionamentos Teóricos; Tópicos Especiais em Dança: corpo e historicidade e Projetos Compartilhados me remete aos

primeiros passos de um bebê sem segurar as mãos da mãe e do pai. A insegurança de cair, mas o necessário aprendizado da independência.

Neste momento, compreendo que estou no caminho mais desafiador do mundo acadêmico — no sentido de que as teorias servem como suporte para entender melhor o que está se passando na prática. E essa maturidade envolve a possibilidade de mudanças.

Finalizo este processo no PRODAN com um TCC que compreende este memorial, um artigo e uma produção artístico-pedagógica. O artigo *O corpo na roda: Identidades femininas, oralidade e processos de aprendizagem nas rodas de samba em Salvador/Ba*, tem como objetivo registrar e visibilizar o legado e a produção de conhecimento a partir da observação de algumas rodas de samba. A perspectiva é a partir das mulheres mais jovens, que fazem com que essas rodas aconteçam. Há, em Salvador/BA, movimentos de mulheres negras que se associam e criam conjuntos de samba de roda. Proponho investigar de em quais formas e em quais caminhos a roda de samba proporciona uma dinâmica que media potencialidades de existências de mulheres negras na sociedade contemporânea. Interpreto a roda a roda como um processo de transmissão de conhecimentos, saberes e formas de sociabilidades onde, através de um diálogo intergeracional, mulheres mais novas aprendem com mulheres mais velhas.

O livro infantil *Contos em roda de vó*, se desenvolve em dois movimentos, que articulam uma diferença de linguagem no seu conjunto: o conto e a poesia. O primeiro movimento apresenta uma história do samba de roda através da personagem de uma avó contadora de histórias, que traz em sua narrativa temas importantes para crianças, jovens, adultos e idosos, como a aceitação e o respeito às diferenças, a ancestralidade, o pertencimento e a diversidade cultural. O segundo movimento traz vários poemas que falam sobre experiências de conquistas, dos afetos e do passar do tempo. Esse livro interativo é uma história feita para ser pintada, percorrida e sentida pelo toque, pela visão e pelo coração. Foram impressos exemplares para distribuição entre as crianças do bairro do Ogunjá.

O vídeo documentário *Texturas Narrativas: memória, (re)existência e potencialidades* narra histórias sobre o samba de roda nas periferias de Salvador, através da perspectiva de algumas mulheres sambadeiras. Se propõe além de incentivar o interesse do público geral, compartilhar saberes através do desenvolvimento de uma narrativa capaz de fortalecer o vínculo entre as mulheres da roda de samba e os espaços onde o samba acontece. Esta produção audiovisual me proporcionará a oportunidade de

estruturar os conhecimentos adquiridos de forma mais acessível ao grande público, extrapolando os limites acadêmicos. Ampliados estes limites, ampliam-se também o fluxo de diálogos entre a pesquisa e a sociedade para qual ela se dirige.

O documentário pode e deve ser utilizado como material didático voltado para a educação comunitária, com forte apelo à valorização do território das identidades.

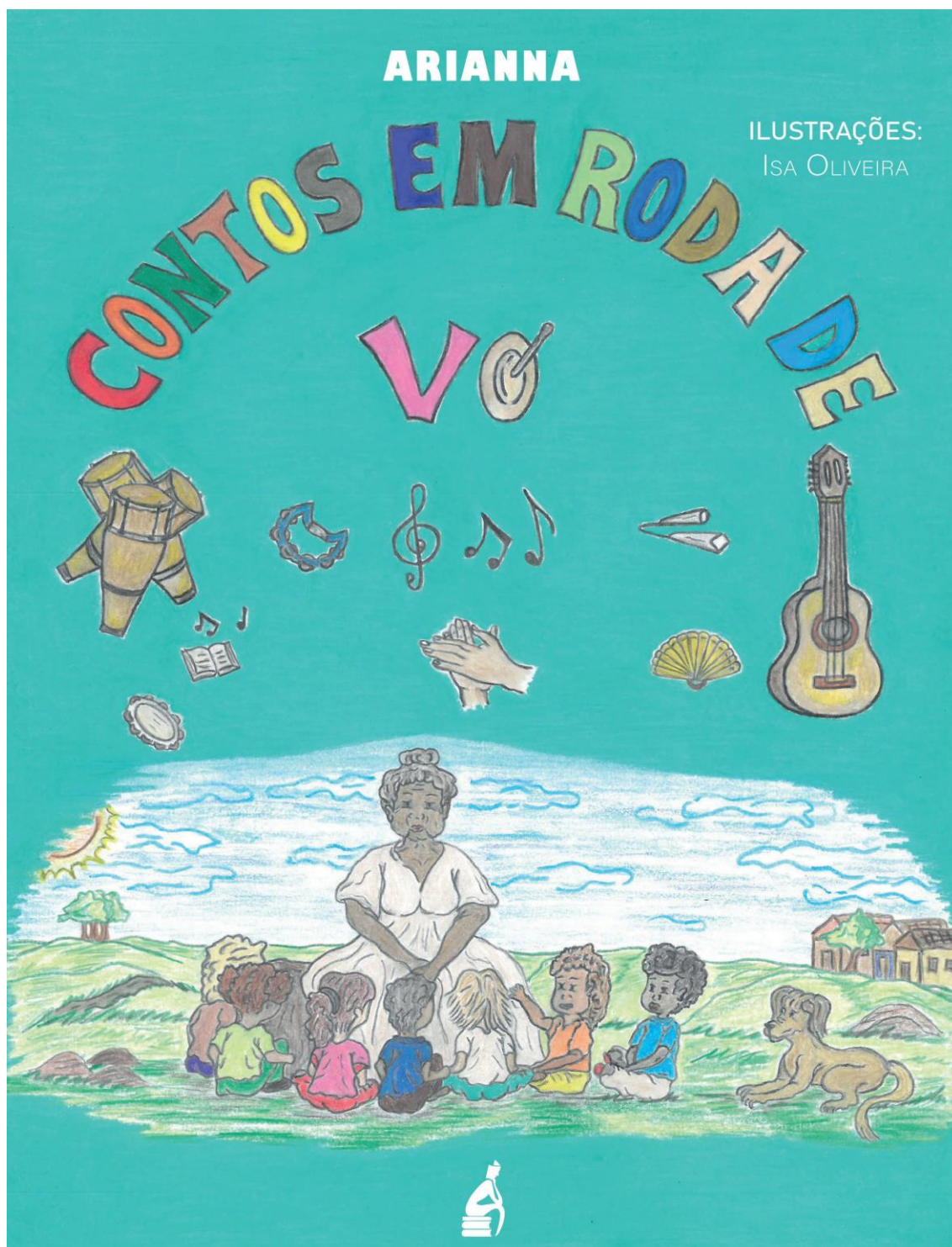
Por fim, escrever este memorial *Entre memórias de um corpo negro, feminino, favelado e político* me trouxe alguns desconfortos, mas também um outro olhar sobre a minha história. Me fez por exemplo escrever sobre a história da minha mãe, um ser humano de força, coragem e bondade que nunca vi igual. Para amanhã quero fazer um doutorado, poder viver financeiramente da minha arte e poder contribuir para melhoria da nossa sociedade.

Em frente só quero, preciso, e mereço ser eu!

PRODUÇÕES ARTÍSTICA-PEDAGÓGICAS

LIVRO INFANTOJUVENIL

Link: <https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:8caf7cd0-fa14-3ef8-9a61-4960aadb1b79>



ENTREVISTAS SOLOS
(Documentário)

Texturas Narrativas

<https://youtu.be/vImaYUSVVpA>

**SOLO
BTCA**

CORPORIFICADA

<https://www.youtube.com/watch?v=hZAnjykupII>

PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS



A roda de samba como processo mediador das potencialidades e (re)existência na trajetória das identidades femininas negras.

Ariana Dos Santos Gomes (UFBA)

Relato de Experiência com ou sem demonstração artística

Resumo: Este relato de experiência busca descrever o protagonismo de mulheres negras no processo do samba de roda no território do Ogunjá na cidade de Salvador/Ba. Trata-se de um relato histórico do tempo presente. Apontamos como resultado que, no tempo presente, os discursos e textos corporais desvelam mecanismos de resistência, (re)existência, reinvenção e ressignificação do ser mulher negra no contexto do samba de roda, podendo ser traduzidos em outras atuações no campo político social, bem como possibilidades alternativas de expressão das subjetividades dessas mulheres.

Palavras-chave: Identidades Femininas. Corpos Negros. Oralidade. Samba de Roda. Pensamento decolonial.

Abstract: This experience report seeks to describe the role of black women in the samba de roda process in the territory of Ogunjá in the city of Salvador/Ba. It is a historical account of the present time. As a result, we point out that, in the present time, body discourses and texts unveil mechanisms of resistance, (re)existence, reinvention and resignification of being a black woman in the context of samba de roda, which can be translated into other actions in the social political field, as well as alternative possibilities for expressing the subjectivities of these women.

Keywords: Female Identities. Black bodies. Orality. Samba de Roda. Decolonial thinking.

1. Vem para roda!

Trazer para o debate uma narrativa sobre como viver o sonho da dança é encarar a roda como possibilidade de encontros, vivências e fortalecimento do momento de estar junto com outras pessoas, em especial as danças que acontecem em rodas, especificamente o samba da Bahia, de Salvador, da comunidade do Ogunjá. Na roda há criações próprias daquele momento, potencializadas pelo intenso diálogo intergeracional daqueles que as vivenciam. O corpo na roda revela linguagem, expressões, saberes próprios e de uma comunidade como meio de articulação e aceitação, tanto social quanto as rodas de samba.

Na Bahia há um movimento que se desloca no interior dos territórios periféricos, movimento gerado pela ação de mulheres nas danças afrodiaspóricas manifestadas em Salvador (danças afro e de roda). As danças de roda ressignificam e recontextualizam memórias referentes à vivência destas mulheres, ao mesmo tempo em que realçam nelas o papel de articuladoras sociais para a qualidade da vivência coletiva, afirmando-as dentro do seu núcleo simbólico de relações sociais.

O samba é o dono do corpo. “A questão do corpo nessa cultura é fundamental enquanto um instrumento de relação com o divino”. O samba toma o corpo e traz o sujeito a essa relação cósmica com as forças do universo, pode-se dizer que teatraliza sua presença no mundo... acho que o que faz o samba uma coisa especial é justamente essa relação metafísica e física do sujeito com o universo. (SALES, 2018)

O que nos motiva a observar esta pesquisa é a reivindicação do empoderamento feminino nas práticas das danças de rodas soteropolitanas. Compreender as especificidades do corpo negro e seus gestos através de estudos sobre manifestações performáticas negro-brasileiras permite verificar o ensejo ou a evocação de conceitos estéticos, poéticos e políticos que se presentifica nas danças afrodiaspóricas. A proposta deste estudo visa investigar e analisar a ação protagonista e as dinâmicas das subjetividades femininas negras na prática destes tipos de dança em Salvador.

Ao nos aproximarmos desse pensamento que tem como sujeitas ativas as mulheres que compartilham do samba de roda como elemento cultural comum, somos conduzidas a reconhecer essas mulheres negras como um agrupamento social que conserva diferenças em seu interior e mantém viva a tradição. Essas diferenças consistem na

heterogeneidade de suas experiências e das formas de se encarar os desafios a partir de perspectivas propriamente diversas.

2. Corpos fragmentados em recomposição

A roda aparece como processo de aprendizagem, como reparação de uma história caracterizada pela opressão, pela violência, pelo racismo e pelo epistemicídio, se anunciando como atualização de um passado e emergência de suas ideias e seus conhecimentos em forma de dança e música nas rodas de samba.

Há, nesse sentido, um deslocamento circunstancial das relações de poderes isto é fundamental para compreender o ritmo deste movimento artístico-social como estratégia de luta para além da dança. Da mesma maneira, perceber a eficiência de sua performance enquanto um discurso afirmativo que libera e redimensiona o corpo do sujeito negro e o condiciona a uma integração coletiva com fins políticos que se agregam a sua corporeidade.

Existe ética, estética e política nestes espaços de roda, o que se traduz em uma capacidade de agir diante da vida e de elaborar um pensamento que nos constitui e nos permite selecionar, nos diferentes encontros que temos, algo que nos possibilita ultrapassar as experiências condicionadas pela sociedade em que vivemos e nos coloca em direção a outras experiências, mais abertas, mais complexas e mais livres. Tudo isto se cristaliza num constante processo de aprendizagem e criação de outros modos de existir na vida.

Tratamos da validação e do reconhecimento da importância de saberes contra-hegemônicos que combatem o epistemicídio e o genocídio de corpos de pessoas negras, bom como, da possibilidade de reconstrução de discursos que propiciem o desenvolvimento e o empoderamento destes corpos e suas narrativas. Os estudos sobre a descolonização do conhecimento, nos levam a pensar a própria história, a partir de nossas experiências enquanto mulheres negras na diáspora.

Os estudos interseccionais (CRENSHAW, 2017) (AKOTIRENE, 2018) vêm elaborando um pensamento feminista próprio à luz de saberes construídos a partir da vivência e da resistência das mulheres negras. O pensamento interseccional traz para o debate princípios organizados a partir de referenciais da cosmovisão afrobrasileira, que ampara a pluralidade epistemológica para revelar a contribuição das mulheres negras em diversas áreas do conhecimento e na dimensão política do seu território.

Há na roda de samba um forte encadeamento entre acolhimento e afeto que proporciona a livre expressão das individualidades fora das estruturas habituais de opressão a que são submetidas. As alegrias, o sentimento de pertença a uma territorialidade que transcende o espaço físico que lhes delimita são indispensáveis prepara e fortalece para as lutas que enfrentamos em nossos cotidianos, além de assegurar a sua continuidade de forma ativa e cada vez mais estruturada.

Ariana Dos Santos Gomes
UFBA

arianajha@hotmail.com

Arte-Educadora. Mestranda em Dança pelo PRODAN- UFBA. Bacharel em Artes Interdisciplinar pela UFBA (2014). Licenciada em Artes Interdisciplinar pelo IFMA (2021). Especialista em Gestão Pública UNILAB (2018). Especialista em Arte Educação UFBA (2018).

Lucas Valetim Rocha - orientador
UFBA

lucas.valentim0@gmail.com

Professor dos cursos de graduação e pós-graduação (PPGDANCA) e (PRODAN) da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Artes Cênicas da UFBA (2016-2019). Mestre em Dança pela UFBA (2012-2013). Licenciado em Dança pela UFBA (2007-2011).

Referências

CRENSHAW, Kimberlé W. **On intersectionality: Essential writings**. Nova York, The New Press, 2017.

SALLES, Evandro. **O samba: uma resistência, uma metafísica, uma cura para o corpo**. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/29/actualidad/1524959520_074146.html, acesso em 09 /07 /2021.

O CORPO NA RODA: IDENTIDADES FEMININAS, (RE)EXISTÊNCIA E POTENCIALIDADES EM RODAS DE SAMBA DE SALVADOR/BA.

1. OJÚ IJÓ⁵

Desde criança, venho conhecendo os aspectos da dança a partir das danças dos blocos de afoxé, afro, samba-reggae e o samba de roda. Vim de uma família em que dançar é bastante natural, o que me fez perceber a dança como elemento que faz parte das celebrações e dos momentos de alegrias ou tristezas na família. A dança, no decorrer da minha vida, vem como elemento direcionador, posso afirmar, um divisor de águas, pois, nela me fortaleço, me alegro, me mantenho viva e luto para saber lidar com o que eu não posso mudar da minha história de vida.

O samba de roda, em minhas memórias, vem da minha infância, com minha mãe Iraci, sambando de uma forma que não se assistia na TV. Era, e é, um sambar de sua época. Um sambar arrastado, *de pé pra frente e pé pra trás*, e isso me encantava. Tal encanto, me levou a perceber que na roda de samba existiam alguns elementos que me chamavam a atenção, como o compartilhamento de dores e amores, o sorriso marcado no rosto e a importância de se sentir pertencente, já que a maioria das mulheres que observei e tive contato, e que fazem o samba de roda em Salvador, são mulheres, majoritariamente, negras, trabalhadoras braçais e com pouquíssimas oportunidades de ascensão na vida.

A escolha do tema de pesquisa, *O corpo na roda: identidades femininas, (re)existência e potencialidades nas rodas de samba de Salvador/Ba*, se deu a partir da minha experiência em grupos de mulheres que se associam e criam conjuntos de samba de roda. Nesse contexto, me proponho a investigar como a roda de samba pode proporcionar uma dinâmica que media potencialidades de existências de mulheres negras na sociedade contemporânea.

O campo de observação é o bairro do Engenho Velho de Brotas, em especial a comunidade do Ogunjá, e outros contextos periféricos de Salvador, a partir do contato com algumas mulheres que vivenciam a roda de samba. Neste sentido, foram entrevistadas mulheres que dançam Samba Caboclo, Samba de Mar Aberto, Umbigada, e Samba Junino. Quando me refiro à roda de samba, quando me refiro à roda de samba, considero os variados estilos de samba em roda., os variados estilos de samba em roda.

⁵ Local onde as pessoas dançam em Yorubá.

No processo de roda de samba, o ritmo e os movimentos marcam as dinâmicas de movimentação e as experiências de cada sambadeira. A roda de samba se torna o território de produção de conhecimento. Compreendo a roda como um processo de troca e partilha de conhecimentos, saberes e formas de sociabilidades. Esse movimento se dá através de diálogos intergeracionais, onde mulheres mais novas aprendem com mulheres mais velhas. Minha proposição é compreender, a partir destes diálogos, em específico na percepção das mulheres mais novas que vivenciam a roda de samba, como se dão estes fluxos de troca e de aprendizagem.

Esta pesquisa é parte dos resultados obtidos em meus estudos realizados no Programa de Pós-graduação Profissional em Dança pela UFBA. Através dela busco compreender a constituição de saberes: poéticas, políticas, epistemologias e criações artísticas negras, a partir do contato específico com essas mulheres sambadeiras.

Ao longo da pesquisa utilizamos procedimentos que dialogam com diferentes tipologias de pesquisa, configurando uma bricolagem. O termo bricolage indica um trabalho feito de maneira artesanal, um tecer de costuras entre partes distintas. Para “DENZIN e LINCOLN (2006)” a bricolagem como pesquisa deve ser compreendida como fazer você mesmo, uma criação marcada por experimentações, tentativas e descartes. Nesse sentido, possibilita uma pesquisa com metodologias múltiplas.

O conceito de *escrivência* traçado por Conceição Evaristo (2007) também faz parte desta pesquisa, na medida em que sua escrita expõem o incômodo de mulheres negras em relação a uma produção de conhecimento hegemônica. Segundo a autora, atribui-se à contribuição de pessoas negras escravizadas e seus descendentes na formação cultural brasileira através da transmissão oral. Assim, buscarei partir das histórias contadas por mulheres negras do samba de roda em Salvador/Ba, incluir traçar uma escrita que revela características e ensinamentos dessas falas

Me foco nas relações estabelecidas entre a pesquisa e as histórias de vida dessas mulheres, compreendendo que a pesquisa é mediada por questões como gênero, classe social, fatores geracionais, acesso, entre outros aspectos socioculturais que atuam fortemente nas construções de sentidos e percepções da brasilidade.

MEMÓRIAS NA ENCRUZILHADA DO *EBÓ* DE PALAVRAS

Atualizar nossas memórias para partilhar com outras pessoas é expor conhecimentos e modos de ser-estar no mundo. É neste processo, de encruzilhadas em

pensamentos, que é necessário a pausa, um momento de sentir o tempo. No processo de proferir palavras, cânticos e aprendizados através das memórias no samba é como um *ebó* de palavras. Onde a oferenda é a própria voz, o som da percussão e das palmas. As trocas de elementos com objetivo de transformar e equilibrar energias. Para os povos de comunidades tradicionais é preciso pedir a benção. É tão importante, pois é neste momento que a palavra mostra sua força de proteção.

Compreender a importância da tradição⁶ oral no processo de aprendizagens intergeracionais, em territórios afrodisapóricos com as periferias de Salvador/Ba, é fortalecer a juventude que carece de outras histórias sobre seus antepassados. A tradição oral é como fruto maduro que se come no pé. É diálogo tecendo ponto a ponto a partir da memória. Através da oralidade é as mulheres praticantes do samba de roda vão se conhecendo, em diferentes aspectos de suas vidas. Nesse contexto, na roda, compartilham memórias e se percebem em comunidade.

Maria Antonieta Antonacci (2014), nos faz refletir sobre a importância da oralidade na transmissão de saberes:

Nesse articular oralidade à comunicação presencial, a viveres em interações e saberes articulados a imagens e imaginário metafórico, delineando concepções de homem e de relações sociais extra ocidentais, estudiosos de oralidades africanas referem-se “ao potencial criativo da palavra viva e aberta ao ritmo pelo qual toda comunidade participa de sua criação, conservação e transmissão. (ENO BELINGA, 1978, p. 7).”. (ANTONACCI, 2014, p. 367).

A relação de aprendizagem e oralidade no espaço de roda de samba é importante na estruturação e consolidação da cultura dos grupos populares. A tradição oral, além de fortalecer relações entre pessoas e comunidades, cria uma rede de partilha de conhecimento e de modos de vida. Percebi, através de observação e convivência nas rodas de samba, que a oralidade tem “peso e importância”. A escuta atenta, neste momento de roda de samba, significa a partilha de sentido para a vida e que precisa/deve ser repassado. A roda de samba, através das ladainhas e músicas, além de retratar lutas e tristezas, traz também as bênçãos e as vitórias do povo preto. Por isso se faz importante também refletir o porquê a desimportância da oralidade no processo de educação formal?

⁶ Tradição como elemento ancestral de tradução e manutenção de saberes, e como criação da história no agora.

Ainda sobre a memória, o autor Nora (1993), nos faz uma contribuição importante para compreender as relações entre memória e história como construção coletiva, desde os pequenos grupos sociais às grandes nações.

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história. Sem dúvida é impossível não se precisar dessa palavra. Aceitemos isso, mas com a consciência clara da diferença entre memória verdadeira, hoje abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio e a memória transformada por sua passagem em história, que é quase o contrário: voluntária e deliberada, vivida como um dever e não mais espontânea; psicológica, individual e subjetiva e não mais social, coletiva, globalizante (NORA, 1993, p. 14).

Acerca dessa discussão, Bhabha (2005) nos aponta uma questão importante. Para ele, toda atualização de memória, ou seja, toda tradição é, em certa medida, invenção também. Não é possível capturar ou flagrar uma originalidade, mas reconhecer as transformações como parte do movimento de estar vivo. Neste sentido, tradição é transformação, pois para continuar existindo é preciso transformar-se.

O reconhecimento de que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição recebida. (BHABHA, 2005, p. 20-21)

A memória é elemento fundamental para o processo da tradição oral no compartilhamento de saberes. A relação entre quem conta e quem escuta é completamente diferente da relação entre quem escreve e quem lê. O contador interpreta a história, performa jeitos de contar, utilizando estratégias para manter a atenção do ouvinte, e neste contar há expressividade, entonação, o ambiente no qual a história é contada etc. Quem escuta poderá ser encantado pela narração e pela narrativa.

Ao trazer para esta escrita marcadores sociais de raça, gênero e classe, trazemos a reflexão sobre a desigualdade instituída na sociedade brasileira, que tem na sua formação enquanto nação relações pautadas em normatividades e preconceitos. A educação formal brasileira ainda não dá conta de expor histórias diversas da perspectiva embranquecida, invisibilizando as histórias sobre um Brasil que também é negro e indígena. Mesmo com a Lei 10.639 de 2003, que se constitui como um grande marco

do reconhecimento da presença da cultura negra no Brasil, há dificuldades⁷ encontradas para sua implementação. Tal problemática vem interferindo na formação de pedagogias da diversidade, que compreendam o contexto plural da sociedade, bem como a qualificação de profissionais de educação voltadas para as políticas de reconhecimento, reparação e valorização da historicidade dos povos negros e indígenas.

Mas a escola não deve ser apontada como a única responsável pela formação das pessoas. Essa responsabilidade cabe também à família, aos amigos, às rodas de samba, de capoeira, aos mestres e mestras das culturas populares. Como diz o provérbio africano: “É preciso uma aldeia para se educar uma criança”.

A rodas de samba nas periferias de Salvador/Ba surgem nesse contexto de fortalecimento da ideia de grupo, bando, aquilombamento (NASCIMENTO, 2002). O que seria do Recôncavo baiano sem o samba de roda, sem as mais jovens para aprender e as mais velhas para ensinar? É no momento da roda, que se acerta ou se questiona os sentidos de viver a vida, é no momento da roda que a autoestima de mulheres pretas ganha outros contornos.

CORPO TERRITÓRIO: do barro à cabaça

Pensando em termos de uma perspectiva negra, em que no mundo ninguém caminha sozinho, acredito que para que uma mulher negra exista de forma plena, e possa sobreviver bem na sua caminhada da vida, é preciso que outras mulheres negras estejam ao seu lado. É importante a ajuda mútua, de forma direta e indireta, e o compartilhamento de saberes e a administração de possíveis conflitos por escolhas diferentes na vida.

As mulheres negras, no enfrentamento de suas realidades no cotidiano, lidam com diversos tipos e níveis de opressão como o racismo, o machismo e o classismo. Tais vivências afetam sua autoestima e personalidade. O que quero dizer com isto? Que são muitas as demandas: ter que cuidar e educar sua família, se profissionalizar, trabalhar etc. A mulher negra está em maior vulnerabilidade⁸ social segundo as pesquisas do IPEA 2021. Independente do esforço que muitas dessas mulheres fazem

⁷<https://www.otempo.com.br/brasil/lei-de-ensino-da-historia-africana-faz-18-anos-com-desafios-para-sair-do-papel-1.2415763>.

⁸ https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38274
https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/politicas_sociais/210716_boletim_bps_28_igualdade_racial.pdf.

para conquistar seus sonhos, infelizmente, boa parte deles não poderão ser alcançados. Vivemos em uma sociedade com estruturas engendradas na exploração e no apagamento de pessoas pretas.

Não há, nesse sentido, um lugar privilegiado para a mulher negra dentro dessa organização de poder que constitui a sociedade brasileira. Compreendo que nós mulheres negras, temos que desenvolver estratégias próprias de dar sentido a nós mesmas, já que existimos nas Américas como resultado do sequestro das nossas ancestrais, e da rota do tráfico negreiro.

As Mulheres negras ao trazerem suas experiências coletivas e visões de mundo compartilhadas por gerações, trazem não só apenas saberes iluminados de uma sabedoria romântica, mas de saberes construídos mediante dores, fugas e soluções elaboradas para viver.

Corporeidades negras: entre multidões eu sou única.

O corpo, no processo histórico da humanidade teve várias concepções, de acordo com a época, a cultura, e o grupo social. Povos deixaram de existir por tolhimento, violência e coação de seus corpos. Segundo Merleau-Ponty (1945), por meio da sua obra *Fenomenologia da Percepção*, somos incluídos no mundo através do nosso corpo, nossa existência se dá por meio dele. Percebemos o mundo ao nosso redor com o corpo e vivemos nossas experiências por ele.

O corpo negro, no Brasil, poderia ser compreendido como algo diferente do que o filósofo propõe, um corpo sem direitos, sem humanidade. Ser negro nesta sociedade racista significa ser um corpo enquadrado na ideia de servir, tornando-se um objeto. Seja por um olhar exótico ou por um olhar estigmatizado. Sob a ótica de Merleau-Ponty (2011):

Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos. Da mesma maneira, não compreendo os gestos do outro por um ato de interpretação intelectual, a comunicação entre as consciências não está fundada no sentido comum de suas experiências, mesmo porque ela o funda: é preciso reconhecer como irreduzível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido. (...) É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo coisas. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 252-253).

Mas há experiências vividas por corpos negros que nos provocam a pensar que muitas vezes nem somos considerados gente. Afinal, no decorrer da história da escravização no Brasil, nossos corpos foram marcados por sermos reconhecidos como algo diferente de humanos. Por isso, há insegurança e ambivalência na construção das identidades negras, pois lhes é negado o acesso ao conhecimento e a ascensão social.

Através do pensamento crítico de Fanon (2008), podemos refletir sobre a possível constituição do “nós” no espaço de igualdade, mas que permanece negado aos corpos negros. “No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera de incertezas” (FANON, 2008, p. 104).

Mas os corpos negros, mesmo sendo forçados, tantas vezes à base de tortura, a apagar suas memórias, reexistem e resistem na sua representação simbólica: dança, música, gestos, cosmopercepções do mundo. O escritor nigeriano Esiaba Irobi (2012), considera que os negros africanos, que sobreviveram a rota do tráfico negreiro do Atlântico, trouxeram consigo escritas performativas nos seus corpos para questionar a hegemonia do sentido do ocidente. “Ontologia da maioria dos povos africanos é primordialmente espiritual, o corpo físico incorpora, em certo nível, hábitos memoriais [em que] atividades funcionais são inventadas e praticadas.” (IROBI, 2012, p. 276).

Nessa perspectiva, o corpo negro toma posição central de sentido e expressão. Irobi (2012) vê o corpo negro como detentor de poder, como local de múltiplos discursos. Os corpos que se fazem presentes nas rodas de samba se constituem de ideias, pensamentos e emoções.

Retomando às mulheres sambadeiras, é preciso considerar que elas possuem histórias, culturas que marcam seus corpos. E uma roda não se faz sozinha! É preciso mais pessoas para fazer uma roda. Um corpo em uma roda se relaciona com outros corpos, sem hierarquias. O eu que ali se insere é sempre coletivo, mas é singular também. As mulheres que vivenciam as rodas de samba trazem consigo expressões artísticas e sociais próprias. Cada uma delas é única, em sua forma de ser. Cada uma percebe o mundo de forma diferenciada, mesmo estando em grupo e partilhando de ideias comuns. Podemos perceber na roda de samba que todas as mulheres cantam em *uma só voz* as ladainhas, mas há um jeito diferente de cada mulher. No sambar, no vesti, no jeito de se mostrar.

Corpo-território: entre ausências e emergências

Para as mulheres de alguns territórios de Salvador, com as quais tive contato, e que vivem o processo de roda de samba, o corpo é espaço de troca e de narrativa que lhe é própria, que as identificam no plano individual e coletivo. A criação do ambiente comum se dá na soma das tramas corporais que ali se fazem presentes. A partir dos questionamentos de Nogueira, podemos refletir: “A imagem do corpo não se relaciona somente com o imaginário, é também da ordem do simbólico, representando um signo da estrutura libidinal como o cerne de um conflito, que deverá ter seu entrave desfeito.” (NOGUEIRA, 1998, p.73)

Já Beatriz Nascimento (1989), no documentário *Orí*, eleva o corpo ao status de elemento fundamental para a construção das identidades e das representações sociais negro-brasileiras. É por meio do corpo que se percebe a ausência, que se reencena a memória. E por isso, “para negro a dança é um momento de libertação”.

Ferreira (2013), faz críticas sobre a construção do imaginário ocidental do corpo negro como condição genérica, que se exprime de maneira ampla e vaga, além de expor a necessidade destes corpos como sujeito de direitos: “o corpo é individual, traz marcas e lembranças da dor e da subalternização histórica que classificam o corpo negro como exótico, feio, inferior; mas também é coletivo, é mapa de um país longínquo; é registro de sua história e de suas migrações, desde a diáspora até como fugas.” (FERREIRA, 2013, p.10).

Ainda poderíamos pensar na ideia de corpo-território, que é traduzido por um sentindo de memória que se conecta ao corpo e não a um território. Ao negro lhe foi roubado e negado o território. Sodré (1988), nos presenteia com essa reflexão:

Corpo-território: todo indivíduo percebe o mundo e suas coisas a partir de si mesmo, em última instância, a seu corpo. O corpo é lugar-zero do campo perceptivo, é um limite a partir do qual se define um outro, seja coisa ou pessoa. O corpo serve-nos de bússola, meio de orientação com referência aos outros. Quanto mais livre sente-se um corpo, maior o alcance desse poder de orientação por si mesmo, por seus próprios padrões. (SODRÉ, 1988, p. 123).

E tanto corpo quanto território são espaços de memória e história. Por isso, é emergencial que nos reunamos para escutar a história das nossas mais velhas, precisamos escrever sobre estas memórias, gravar vídeos das histórias contadas. Ser negra é viver tipos de violência que o corpo branco é incapaz de imaginar, já que

desconhece o sentido de não lugar. Jurandir Costa (1984), nos traz reflexões sobre a ausência do corpo negro, a anulação deste corpo. “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.”. (COSTA, 1984, p. 104)

A ausência que o corpo negro vivencia no seu cotidiano se dá por um processo enraizado nas redes de significações. O corpo negro no imaginário social ocidental, não necessitaria de cuidados, de amor. É desimportante para outras atividades que não seja a do trabalho braçal, ou a hipersexualização. Podemos perceber esta diferença entre o corpo negro e o corpo branco, em nossa sociedade quando pessoas negras vivem buscando o ideal de brancura, não só fisicamente, mas socialmente. Nogueira (1998), nos traz este olhar atento sobre as ausências que vivenciam os corpos negros:

Deste modo, negros e brancos são vistos através de redes de significações sociais distintas, na qual o corpo negro será constituído como identidade social indesejável: (...) a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro da auto-representação dos indivíduos. (...) Tal processo inscreve os negros num paradigma de inferioridade em relação aos brancos (NOGUEIRA, 1998, p. 46)

Se por um lado a ideia de corpo-território é a memória física dos nossos antepassados e de uma história que se mantém viva a base da oralidade, por outro, o corpo-território preto vive em um não lugar. Constantemente inserido em contextos que o subjuga, o inferioriza e traz parâmetros desiguais para estabelecer regras de cidadania e de convívio social.

Trazer de forma emergente o corpo-território nos espaços de roda de samba, é costurar as urgências, as ausências, e as suas memórias, sendo o resultado deste processo o tecido social que este corpo consegue estabelecer no processo de construção de redes simbólicas.

RODA DE SAMBA: processos compartilhados de aprendizagem

A roda de samba se costura em música, dança, poesia e festa. O canto se alterna nas frases de solo e de coro com os instrumentos que na sua maioria são o pandeiro, o timbal, e os atabaques. Os sambas em roda é uma forma ancestral, pois perpassou por

muitos negros e negras que aqui chegaram, como afirma Queiroz (2020), ao observar o samba de roda no Recôncavo Baiano: “Assim como seus antepassados encontravam no samba um lugar de alento, onde as dimensões corporais e espirituais se complementavam, também elas o tomaram como alimento vital para poder lidar com seus enfrentamentos diários.” (QUEIROZ, 2020, p. 4).

Podemos pensar a roda de samba como um movimento de bem-viver, pois é neste momento de roda, que as mulheres, aprendem, ensinam, e compartilham suas memórias corporais e ancestrais. Posso afirmar, como sambadeira que sou, que na roda vem conosco, de forma simbólica, a nossa própria casa, o nosso trabalho, a nossa família e tudo que nos atravessa.

A importância dessas mulheres sambadeiras é assunto tratado por Queiroz (2020), quando nos diz que: “Nesse complexo holístico em que o samba de roda se configura, a participação das mulheres é fundamental, não apenas no que diz respeito à performance na roda, onde oralituras são descritas pelos corpos em movimento, mas a todos os preparativos necessários para que o brinqueado ocorra.” (QUEIROZ, 2020, p. 9).

Nos contextos que observei de sambas de roda, a maioria das mulheres não completaram o 2º grau do ensino médio por falta de oportunidade. Seus conhecimentos são escrituras no corpo, no canto, na voz. É no momento da roda que a escrita sobre as experiências da vida se põe em voz alta como diz (BHABHA, 2007).

Pergunto, o que leva estas mulheres, mesmo depois de trabalhar o dia todo para o sustento da família, de trabalhar em casa, com seus corpos cansados, se levantarem e fazerem a roda de samba acontecer?

Vejam, não estou trazendo uma análise fundamentada em um mundo de contos de fadas. Na verdade, a roda de samba é o espaço de não morte destas mulheres, já que muitas delas vivenciam vários tipos de violências raciais e de gênero. Na roda, os conflitos e violências diárias são compartilhados por uma memória de “dor coletiva”.

Vilma Piedade (2019) traz à reflexão o que seria *Dororidade*, sofrimento que marcam as experiências de mulheres pretas da diáspora. A colonização de mulheres pretas escravizadas criou um romantismo no imaginário social sobre a sua força de trabalho. O mito da mulher forte e resistente. As reivindicações feministas norte-americanas e brancas, que trouxeram a luta pelo fim do mito da fragilidade feminina, não contemplou em muitos pontos, as mulheres pretas. Estas já trabalhavam e não eram tratadas sequer como *seres humanos*, que possuíam direitos. A construção do conceito

proposto por Vilma Piedade traduz essa dor que compartilhamos por sermos “mulheres de cor”.

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seu significado, a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra a Dororidade (PIEDADE, 2019, p.46).

O movimento feminista e seus estudos devem estar fundamentados e sustentados no apoio e na união entre as mulheres. Vilma Piedade (ibdem) nos alerta sobre o objetivo dos estudos de *Dororidade*, que não pretende entrar em disputa sobre dores de mulheres brancas e não brancas, pois não se pode medir as dores das pessoas. *Dororidade* tem por intenção dialogar com sororidade que segundo a autora parece não dar conta da nossa “pretitude”.

O processo de construção das identidades feito a partir da perspectiva destas mulheres negras, que tem como enredo a luta e a vida, é um processo de construção de discursos sobre a identidade afro-diaspórica. Tal processo, ecoa nas manifestações da cultura, do corpo, dos ritos, das cores, dos gestos, das palavras e expressões silenciadas pelos esquemas colonizadores, nos quais os descendentes dos povos africanos acabaram incorporando sua desqualificação. O cenário dessa elaboração esboça signos esquivados para além das narrativas logocêntricas, como diz Hall:

Além do mais, tendemos a privilegiar a experiência enquanto tal como se a vida negra fosse uma experiência vivida fora da representação. Só precisamos, parece, expressar o que já sabemos que somos. Em vez disso, é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos. (HALL, 2008, p. 346).

A roda de samba, como espaço compartilhado de aprendizagem, nos traz elementos que articulam os processos de importância da vida de mulheres negras sambadeiras. Importância esta que está no seu cotidiano, nas suas percepções de mundo, nas suas crenças. As realidades da vida destas mulheres põem o samba de roda como energia propulsora de levante, de alegria, de transbordamentos de sentimentos e sensações. É um teste diário de sobrevivência e superação, constituindo o que são e o que podem vir a ser. Estas mulheres aprendem para ensinar as suas, aos seus e aos que querem aprender.

Corpo, dança e sociedade

O samba de roda trata de um grupo vasto de danças negras no trânsito diaspórico afro-brasileiro. O imaginário e a poética do samba de roda vêm da ausência, do não lugar, dos olhares sobre África e de sua simbologia para os povos pretos em diáspora.

O corpo em dança cria, interpreta e comunica. A educadora Inaicyra Falcão Santos

(2008), compreende a produção da obra em dança, como conhecimentos resultantes das práticas corporais e da performance em cena.

É preciso lembrar que a criação do intérprete define-se primeiro como ato de comunicação, pois o mesmo é, antes de tudo, o produtor de sua obra, construída por meio de signos de natureza gestual e sonora. O intérprete se transforma no próprio signo. Percebe-se que o corpo, em cena, revela a dimensão expressiva, a dimensão orgânica. (SANTOS, 2008, p.1)

Assim, o samba de roda, como prática de vida e produção de conhecimento em movimento, produz formas particulares de significações. Leda Martins (2013), traça uma hipótese sobre a percepção sensível dos corpos em danças populares. “Minha hipótese é que o corpo, na performance ritual, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade. O que no corpo e na voz se repete é uma episteme.”. (MARTINS, 2013, p. 66)

O lugar das danças populares na memória dessas mulheres do samba de roda, permanecem em renovação nos seus gestos, nos corpos das mais jovens que aprendem o legado da roda.

E é nesse ato de performar o samba de roda como dança negra e afrodiaspórica, que as interconexões assumem redes que se ampliam em cada novo encontro entre essas mulheres. O corpo negro feminino em dança, traz as desigualdades impostas por uma sociedade estruturada pelo patriarcado, que marcam seus corpos com limitações que afetam suas estruturas biopsicosocial. O pesquisador em danças negras Fernando Ferraz (2017), nos alerta sobre como compreender a complexidade que envolve a rede de significados dos corpos e danças negras.

Os corpos e as danças negras devem ser concebidos pelo que são: elementos socialmente marcados cuja potência de liberdade os permite afirmarem-se enquanto inacabados e, ao mesmo tempo, serem detentores de experiências que

acumulam legados múltiplos; que se alimentam de devires e atualizam e ressignificam dimensões ancestrais. (FERRAZ, 2017. p,123)

Relacionar o pensamento de Ferraz (2017) com a pesquisa que estou desenvolvendo, é alimentar o conhecimento do que é a realidade do Samba de roda, como elemento norteador na vida destas mulheres, que têm a roda como potência contínua de troca do que elas já acreditam esperar e do que elas nem esperam e é surpreendida pelo novo.

Corpos femininos na roda de samba enquanto dimensões entrelaçadas que constituem modos de ser-estar no mundo. As redes de afetos que se constituem nas rodas de samba geram movimentos, que se criam em territórios de sociabilidade, gerando conflitos, resistências e modos de existência, reforçando nesses espaços as suas resiliências, concebendo e ampliando a infinidade de encruzilhadas expostas por esses corpos.

SUBLIMATIO⁹

Considerar as rodas de samba de caboclo, samba de mar aberto, umbigada, e o samba junino em Salvador como elementos que somam nos processos que orientam a vida de corpos femininos é compreender a importância das tramas que se ligam no tempo-espaço nesta cidade. Quando estes corpos estão em cena performando e compartilhando suas memórias corporais, compreendem outras leituras da vida, em várias dimensões e atravessamentos. Esse conhecimento não está apenas localizado na estrutura da escolar formal, mas na roda da vida, na roda de samba, no aprendizado intergeracional, na sensibilidade de escutar a história do outro.

Discorrendo a partir da perspectiva de Carneiro (2005), sobre o dispositivo do biopoder, existe uma sucessão de mecanismos repressivos que interrompem ou tentam reduzir iniciativas sociais da população negra a alegorias transitórias e folclorizadas, e não legitimam a dimensão de sua elaboração cultural e a sua aplicabilidade social. A contemporaneidade se configura como uma zona onde essas novas disposições de poder contemplam e consideram seus novos esquemas de afirmação e memória.

⁹ Elevar o espírito em direção ao Todo, para compartilhar e buscar a união, a unificação, soltando as amarras pelo caminho, isso tem que ser feito de forma consciente e intencional. Compreender o estado de Sublimatio é soltar, elevar-se, desapegar-se. Fazendo isso o sujeito consegue dar saltos sobre a ideia de si mesmo e ao mesmo tempo ficando mais eficiente para lidar com os problemas concretos do dia a dia. (EDINGER, 2006).

O epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica, compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações (CARNEIRO, 2005, p.97)

Podemos perceber sobre essa ideia que, no contexto do Brasil, como Mbembe (2018) demonstra, existe para a população negra configurações que se inscrevem em seus corpos como discursos do terror e os direcionam para a morte. Há uma espécie de angústia social, já que os estigmas permanecem ligados aos grupos entendidos como “de massa”.

Podemos evidenciar a partir do pensamento de Gonzalez (1984), que as imagens simbólicas sobre as mulheres negras se situam entre o consciente e o inconsciente, percebendo que a consciência social força certo desaparecimento a papéis que elas, historicamente, assumiram. Porém, esse desaparecimento não se realiza totalmente, sendo mero “recalque”, visto que o inconsciente os mantém vivos. A maneira através da qual as mulheres negras são vistas, definirá qual papel representará em determinado contexto: mãe preta, mulata e empregada doméstica.

A atuação das mulheres negras que, ao que parece, antes mesmo da existência de organizações do movimento de mulheres, reuniram-se para discutir seu cotidiano marcado, por um lado, pela discriminação racial e, por outro, pelo machismo- não só dos homens brancos, mas dos próprios homens negros. (GONZALEZ, 2008, p. 38)

As mulheres negras, que fazem o samba de roda, precisam estar atentas para a materialização da potência de sua existência, pois “onde está a razão, ou o mundo antinegro e sua racionalidade, o negro não pode estar, onde está o negro, ou “quando” está o negro, este mundo antinegro não pode se materializar” (PINHO, 2022, p.16).

A invisibilidade estrutural, institucional, e conjuntural, que vivenciaram e vivenciam estas mulheres negras, sambadeiras, contrapõem a busca pelo protagonismo de sua própria história, buscando soluções e maneiras para rejeitar e repelir o lugar de inferiorizadas. Trata-se da capacidade ressignificar existências, visibilizar sujeitos negros, incrementando e fomentando deslocamentos das relações de poder.

Podemos considerar que esta pesquisa argumenta outros discursos além

daqueles da branquitude. Percebo que o corpo negro, ao performar as rodas de samba, pode se pôr em ação de protesto contra as representações de antinegitude. Esse processo resulta em uma tomada de posicionamento político, social e ideológico frente às questões das culturas negras.

Ao relacionar o movimento de roda de samba ao pensamento de Abdias do Nascimento (1980) sobre quilombismo, percebo este elo de estratégia de resistência e coletividade, designando experiências de organização e intervenção social protagonizadas pela população negra na atualidade. Como movimento circular que recria a organização social, valorizando o compartilhamento de saberes, adquirindo estruturas que reconstroem sentidos de vida, agregando o reconhecimento do sujeito perante a sociedade em que vive.

.As relações entre essas mulheres pressupõem sua inserção cultural sem dominações de convivências culturais que fragilizam suas vivências, importando-se com práticas que as valorizam a produção de conhecimentos que impactam nas suas vidas e no território em que vivem.

As mulheres da roda de samba possuem “um discurso sobre si mesmo” (SOUZA, 2021, p.45), compreendido como um dos percursos da produção de identificação positiva com a negritude. Dessa maneira, compreender a leitura de mundo das mulheres “amefricanas” (GONZALEZ, 1988) é transportar e vivenciar potencialidade de (re)pensar e (re)existir em conjunto.

REFERÊNCIAS

- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2 ed. São Paulo: Educ, 2014.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese de doutorado. USP, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. IN: _____ e col. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERRAZ, Fernando Marques Camargo . **Danças negras: Entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes**. v. 6 n. 2 (2017): [revista eixo - especial educação, negritude e raça no brasil /artigos](#).
- FERREIRA, Ceiza. 2013. **“Uma representação de si para o mundo: afetos e subjetividades no documentário performático.”** Razón y Palabra 18(83). http://www.razonypalabra.org.mx/N/N82/V82/12_Ferreira_V82.pdf
- GALEFFI, Dante Augusto. **O ser-sendo da filosofia: uma compreensão poemática pedagógica para o fazer-aprender filosofia**. Salvador: EDUFBA, 2001.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GONZALEZ, Lélia. **Mulher negra**. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- _____. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988a.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Liv Sovik (org). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2008.
- IROBI, E. (2012). **O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora**. Projeto História, n. 44. São Paulo, Educ.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, [S.l.], n. 26, p. 63-81, nov. 2013. ISSN 2176-1485. Disponível em: . Acesso em: 25 abr.2021.

MBEMBE, A. (2018). **Necropolítica biopoder soberania estado de exceção política de morte** (R. Santini, Trad.). N-1 edições.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Fenomenologia da Percepção**. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor Independente 2002.

NASCIMENTO, Beatriz. 1989. [narração]. **Em: ORI** . 1989. Dirigida por Raquel Gerber. Rio de Janeiro, Brasil: Angra Filmes.

NOGUEIRA, B. Izildinha. **Significações do Corpo Negro**. Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História/PUC, nº 10, p. 7-28, dez. de 1993.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

Pinho, O. (2022). **Ontologia(s)** : Perspectivismo e Afropessimismo. *Novos Debates*, 7(2). <https://doi.org/10.48006/2358-0097-7218>

QUEIROZ, Clécia Aquino; QUEIROZ, Vitor. **“Dentro do respeito e do amor, quem toma a frente sou eu”**: o protagonismo feminino no samba de roda do Recôncavo Baiano. Revista Transversos. Dossiê: O protagonismo das mulheres negras na escrita da História dos Brasis. Rio de Janeiro, nº. 20, 2020. pp. 108-131. Disponível em: . ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2020.54853.

SANTOS, Inaicyr Falcão. **Corpo e Ancestralidade**: ressignificação de uma herança cultural. In: ABRACE, V., 2008. Belo Horizonte. Anais V Congresso: Criação e Reflexão Crítica. Disponível em: Acesso em: 19 de Março de 2017.

SOUZA, N. S. 2021. **Tornar-se negro** ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Editora: Zahar.

SODRÉ, Muniz. 1988. **O terreiro e a cidade**: uma forma social negra- brasileira. Petrópolis: Vozes.

